

“De noite à candeia, até a burra parece donzela”

Provérbio popular

A LUZ DO AZEITE *no consolo de uma candeia*

Este conforto de azeites combustíveis bem poderia ter sido alimentado, e escrito, à luz de uma candeia, na torcida de um simples pavio. Não o foi, garanto-vos. Mas sim, no sossego de algumas dezenas de watts e no quente eléctrico de uns tantos amperes. Naturalmente, porque já sou do tempo dos últimos candeeiros a petróleo, da incandescência das lâmpadas de Edson e dos petromaxes das festas e das feiras, dos acampamentos de juventude e das lojas dos animais, ainda do tempo de alguns candeios lagareiros – candeias de azeite de maior volume, com quatro bicos e torcidas muito maiores. Porém, quantos outros confortos o não terão sido!

Infelizmente, há *históricas coisas* para as quais não tenho nada que me ajude a afirmar, convictamente, da sua real existência, da memória do seu passado, nem um mero registo de boca a boca; às vezes, e tantas vezes, resta-me apenas a lógica da evidência e a dedução comparativa. Por isso, tal como acredito que o corpo do poltriqueiro Zampanò fosse ungido de azeite para suportar o atado das correntes ferrugentas, também quero crer que a provável educação coimbrã de Camões, no Mosteiro de Santa Cruz, o galanteio à jovem Catarina de Athayde na intriga da beatice da corte de D. João III, ou o apelo às Ninfas do Tejo para o inspirar em tantas redondilhas trovadorescas, tivesse tido a iluminação e os consolos do azeite – no prazer de uma candeia. Deve ter morto sobre a sua luz o fogo que nele ardia.

É precisamente neste período quinhentista, a época dos humanistas, do rodopio da expansão económica ocidental, das fés mercantilistas e do canto camoniano ao heroísmo colectivo do povo português, que o azeite atinge a dimensão e o pleno dos seus usos – de impermeabilizante para tecidos e medicamento imprescindível, nas viagens das descobertas, à satisfação de um acréscimo à luz solar e ao rutilar das chaminés. Foi também a época do extremismo católico, que quis remeter estes benefícios do azeite para condutas heréticas e práticas plebeias. «Isso de azeite ser coisa de mouros e judeus não teve aceitação na maioria da nossa população rural, nem mesmo junto de algum clérigo que chegava a acreditar que o consumo de manteiga estimulava o aparecimento da lepra, preferindo o uso do azeite-curador». (Como sempre, à ignorância e à brutalidade humana haveria de se sobrepor a inteligência da natureza). Mesmo assim, o seu consumo aumentou significativamente, e de que maneira, principalmente no sentido dos préstimos à iluminação religiosa, doméstica e estalajadeira, tornando-se num dos primeiros produtos exportados por Portugal.

Na regência do Cardeal e no início do domínio filipino, até à recessão económica consequente desse domínio e do desvario absurdo da famosa «Armada Invencível» que haveria de facilitar as investidas da pirataria, incluindo do corsário “*de Sua Majestade*” – Francis Drake, às costas portuguesas, afectando e criando dificuldades ao comércio externo, entre tantas outras aflições político-económicas, exportava-se uma boa parte do azeite português para a Flandres, Alemanha, Castela, Leão, Galiza, Índia e Brasil, transportado em ânforas, anforetas, botijuelas, jarras de azeite, conforme a procedência fabriqueira dos apetrechos acondicionadores. Também, nestas regiões receptoras, os principais fins do azeite eram a iluminação e os gastos militares.

Entende-se assim, porque é que a grande maioria das terras arroteadas, nestes tempos, foram destinadas ao olival (e à vinha); e é óbvio que o foi, quer pelos proveitos

expressivos na bolsa do agricultor e do comerciante quer pelas tais *necessidades plebeias*. Aliás, quando se consultam documentos da época, com referências oleícolas, damos logo conta de inúmeras plantações feitas por todo o país rural, por onde o frio e a humidade excessiva não atormentassem o destino do fruto, muitas vezes, apenas relativas às primeiras oliveiras plantadas em determinado local (Mirandela, Miranda do Douro, Freixo de Espada à Cinta, Torre de Moncorvo...).

Pese embora os primeiros vestígios da presença da oliveira no que é hoje o território português, incluindo na região transmontana e duriense, datarem da Idade do Bronze (II milénio a.C.), foi efectivamente neste período, também coincidente com o início da denominada “Pequena Idade do Gelo”, com consequências futuras no ordenamento e na reconversão agrícola, que se verificou a generalização do cultivo da oliveira e da extracção do azeite a todo o país de características climáticas favoráveis para a cultura; agora, com uma vocação vincadamente económica, já a sobrepor-se ao destino do mero auto-consumo doméstico ou religioso. E a sua utilização prioritária seria, claramente, o universo da iluminação, só depois a alimentação. Ou seja: o uso do azeite nos séculos XVI a XIX adquiriu uma projecção económica semelhante à do petróleo (querosene) e da electricidade na segunda metade do séc. XIX/princípio do séc. XX.

Usar óleos como combustível de iluminação foi, efectivamente, uma prática normal em quase todas as civilizações conhecidas, desde os óleos de gorduras animais dos povos do norte da Europa até ao óleo (azeite) de andiroba que os portugueses foram encontrar nos hábitos milenares dos *índios* da Amazónia. «A luz era uma necessidade do homem para combater as trevas».

Recuando no tempo, e tentando caminhar ao lado da história e das estórias da oliveira, no consolo de uma candeia ou de uma lamparina, abono que o mito do azeite na iluminação, tal como todas as outras possíveis utilizações, está muito bem retratado na sabedoria dos povos do Antigo Egipto... *a plantação de oliveiras em Heliópolis deve-se a Ramsés III e com o azeite obtido acendem-se as lâmpadas de alabastro que iluminavam, permanentemente, o templo de Rá, a divindade do Sol (trata-se da mais antiga referência documental ao azeite, inscrita num papiro egípcio de séc. 12 a.C.)* ... nos achados arqueológicos das ruínas de Knossos (Creta) que revelam a presença de vários sistemas de extracção de azeite para a consagração e iluminação nas cerimónias religiosas... na interpretação da “Parábola das Dez Virgens” (Mt. 25:1-13) ... *a parábola da responsabilidade e da bem-aventurança representada no azeite para as lâmpadas das bodas*... no Corão quando se refere ao óleo que da azeitona se extrai para ser transformado em luz de candeia... *“que parece um astro rutilante que se acende graças a uma árvore bendita, uma oliveira, não oriental nem ocidental, cujo azeite quase reluz ainda que não lhe toque o fogo”*... nos conselhos de Dvora (Débora), uma das sete profetisas cujas profecias estão registadas na Torá, ao esposo Lapidoth (que significa “tochas”) para fornecer grandes pavios e azeite para as lamparinas do santuário de Shiloh, porque queimavam como tochas... na festa judaica de Hanukkah que celebra a purificação do Templo de Jerusalém depois da profanação selêucida... *conta-se numa das lendas sobre a origem desta Festa das Luzes, que em memória do achado de um pote de azeite que serviu para manter a chama sagrada do Templo, durando oito dias, os judeus passaram a celebrar este acontecimento, acendendo anualmente (segundo a calendário lunar), em cada um dos oito dias, uma lamparina do candelabro de Hanukkah (e mais uma que é acesa todos os dias)* ... nas infindas referências bíblicas... *“E me disse: Que vês? E eu disse: Olho, e eis um castiçal todo de ouro, e um vaso de azeite no cimo, com as suas sete lâmpadas; e cada lâmpada posta no cimo tinha sete canudos. E por cima dele, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e outra à sua esquerda”* (Zc 4.2,3) ... *“Tu pois ordenarás aos filhos de Israel que tragam azeite puro*

de oliveiras, batido para o candeeiro, para fazer arder as lâmpadas continuamente (Êxodo 27,20) ... nos pensamentos budistas que ensinam: “quando a Lei de Buda se extinguir, ela será semelhante à luz de uma lâmpada de azeite que ganha um brilho repentino pouco antes do combustível se extinguir” ... na presença de inúmeras ânforas em sítios britânicos da Idade do Ferro, mesmo antes da conquista romana, utilizadas no transporte do azeite bético para os consumos militares e para as necessidades de uma melhor iluminação... na «clandestinidade» das “luminárias cristãs” ... usadas no início do cristianismo, nas reuniões secretas e nocturnas das catacumbas e cavernas; eram instrumentos pessoais de iluminação e de segurança, por quase não fazerem fumaça e o perfume do azeite camuflar os odores da queima... na fabulosa história da indústria da olaria grega, romana, genovesa, tunisina, de lucernas, lanternas e lamparinas, convertidas em autênticas peças de arte de grande beleza... das lucernas paleocristãs dos séculos V e VI às lucernas in argento do Santo Pontifício, no séc. XVIII/XIX, que chegavam a ter um metro de altura e a pesar mais de dois quilos... na iluminação dos túneis mineiros até ao aparecimento dos primeiros gasómetros... no resultado das insuficiências de cera trazida pelos romeiros para alumiar o Apostolo Santiago, que faria com que o Arcebispo Diogo de Gelmirez conseguisse, do rei D. Afonso VII, a doação de uma propriedade em Talavera (Galiza), a fim de ter o azeite suficiente para a iluminação invernal do Templo... na Bula de Canonização de Santa Clara de Assis, em 1255, que conseguiu, por dom da liberalidade divina, o azeite necessário para a iluminação do seu convento... nas várias lendas de Nossa Senhora da Candelária, das Candeias ou da Luz, da Oliveira ou dos Olivais... na iluminação dos teatros da renascença feita através de lampiões de azeite, rapidamente abandonados por sujarem os tectos e pingarem gotas oleosas na cabeça dos artistas e do público... nos faróis sentinelas, companheiros luminosos, que escoltavam a navegação nocturna e nos muitos dias de nevoeiro... Bem gostaria de crer que os fogaréis do célebre Faros de Alexandria, mandado erigir por Ptolomeu, fossem provenientes da luz do azeite e não das fogueiras de lenha resinosa; ou que a torre romana do farol da Corunha, edificada no reinado de Trajano, também tivesse clareado os mares com torcidas imersas em azeite e não através da luz das velas de sebo, a exemplo do farol de Eddystone/Inglaterra (1805) ...

Sem dúvida, no final do séc. XVIII/início do séc. XIX, até à chegada das lamparinas a gás, em toda a Europa, as únicas fontes de iluminação ainda provinham: dos raios solares, da luz da fogueira e do fogo da chaminé, de tochas e archotes, velas de cera ou sebo... lucernas, candeias, lamparinas e lampiões de azeite.

O mito do azeite na iluminação está ainda, e bem, reflectido nos mimos que os pais do pai da psicanálise, Sigmund Freud, lhe davam em relação aos seus outros sete filhos, quando a ele lhe proporcionavam a regalia de uma iluminação com lâmpadas de azeite, mais própria para o estudo e para o encorajamento das suas capacidades intelectuais, e não a proveniente das velas sebosas, bem menos alumadora. E, entre tantos relatos acerca do azeite combustível, recordo, também, a leitura de um interessante artigo de Trotski, a propósito do retrato de Lenine feito por Máximo Gorki, quando este insinua que o epíteto de «justo» sobreposto ao líder da revolução bolchevista “*tinha sido emprestado pela Igreja, pela linguagem dos sectários religiosos, cheirando a carisma e ao azeite das lâmpadas sagradas*”. Mais uma vez, a associação do azeite à iluminação dos templos e respectiva sacralização é uma realidade, até aos olhos do ateísmo e de quem não conhecia a simpatia de uma oliveira.

Mas, a combustão luminosa do azeite até para a contagem do tempo serviu! Por exemplo, foi corriqueira na moda burguesa dos «relógios de azeite, lâmpadas-relógios ou silenciosos de azeite», nos séculos XVII e XVIII, antes da vulgarização dos primeiros

relógios mecânicos e já no desuso dos relógios de velas e de areia, por toda a Europa, mais especificamente no norte da Alemanha. Eram (e ainda o são) constituídos de uma lamparina de estanho, com um reservatório de vidro, cristal ou de porcelana translúcida, no qual se colocava o azeite; ao acender-se a lamparina, o nível de azeite ia diminuindo de forma contínua e regularmente, assinalando as horas numa escala numerada inscrita na parte externa do *depósito azeiteiro* e que ia, geralmente, das oito horas da noite às sete da manhã – do pôr ao nascer do sol.

Também, em Portugal, principalmente no norte do país, e na Galiza, o prestígio do azeite se repercutiu essencialmente no plano espiritual e religioso – na unção, consagração e iluminação. Aliás, era previsível que após a proclamação, em 589, pelo rei Recaredo, do catolicismo como religião oficial do reino (ibérico) visigótico, a invasão e estadia muçulmana a partir do séc. VIII, as posteriores cruzadas para a Terra Santa e a reconquista cristã dos séculos XI/XII e XIII, o legado da cultura hebraica... período da nossa história, em parte coincidente com o denominado “Período de Aquecimento Medieval” (do séc. IX ao séc. XII), que permitiu a dinamização de culturas mais difundidas e adaptadas ao mediterrâneo oriental... se visse na oliveira e no azeite as vantagens sacras e alimentares que esses povos tanto lhe admiravam. É ajustada e razoável esta ilação. É também normal que em redor dos “Caminhos de Santiago”, autênticas rotas de desenvolvimento agro-económico, do séc. XI ao séc. XIV, se tenha estabelecido uma multiplicidade de capelas, igrejas e santuários de culto, uma considerável indústria de apoio hoteleiro (locais de abrigo e descanso), que muito se valiam dos benefícios do azeite, quer nas confecções alimentares, principalmente nos biscoitos romeiros (doçaria de longa duração) e nas mortificações de algumas carnes, ou como medicamento, quer na iluminação dos templos e dos espaços estalajadeiros. E seriam os azeites das primeiras prensadas para uso templário e, os da segunda, para as necessidades da iluminação e complemento da alimentação. As últimas prensadas e os restos das tulhas tinham sempre o destino saponário e a lubrificação de armas e outros instrumentos utilitários.

Nesta perspectiva da religiosidade do azeite iluminador, a primeira referência conhecida no que viria a ser o actual território português, vem do séc. X e da lenda do culto a N^a Senhora de Oliveira, em Guimarães, associada ao templo de Ceres ou de Minerva e à Condessa Mumadona Dias – tia do Rei Ramiro II de Leão e de Dona Flâmula (a Dona Chama moradora no termo de Mirandela) ... *Dizia-se, mais tarde, que a oliveira plantada em frente à porta principal da Colegiada era uma que existia junto ao antigo Mosteiro de S. Torquato, para cuja lâmpada produzia azeite à fartura, mas que acabaria por secar, assim ficando até ao ano de 1342, ano em que Pêro Esteves lhe colocou a cruz que se vê levantada debaixo do Padrão de N^a Sra. da Vitória; e, qual não foi o espanto quando, passados três dias, o milagre aconteceu e a oliveira recuperou o verde das suas folhas...* E, já no séc. XII, outra das referências oleícolas tem origem num «decreto» do arcebispo de Braga, à semelhança do que fez o bispo Gelmirez, ao ir mais longe do que este, e premiar o enraizamento de estacas de oliveira, naturalmente para a plantação de olivais de azeite, com o objectivo de fazer face aos grandes gastos da iluminação invernal dos templos religiosos da sua diocese.

Por esta altura, ainda aliada à ideologia da Reconquista Cristã, também por cá, o culto da oliveira atingiu formas de elevação místicas que lendas e romanceiros populares haveriam de imortalizar. Desde as lendas toponímicas de algumas vilas, aldeias e lugares do centro e norte de Portugal (Oliveira de Azeméis, Oliveira de Frades, Oliveira do Hospital...), erradamente associadas à cultura da oliveira por confusão e afinidade sónica com o termo *ulveira* – vegetação rasteira, própria de terrenos alagadiços, ou terra funda de lameiro – até à credence das rezas para curar o “buxo virado”, os “quebrantos”, ou

afastar os “maus-olhados”... *Numa candeia acesa com azeite, mete-se um dedo da mão esquerda e numa tigela com água benta, deitam-se três pingas de azeite; - se o azeite não se espalhar, é sinal de não temos “mal” nenhum, caso contrário há que fazer uma reza para o afastar. E a benzedura era assim: azeite dourado/nasceste sem ser semeado/a virtude que Deus te deu/tira o mal que a este deu...* Ainda, e até há bem pouco tempo, em muitas das nossas aldeias, quando nascia uma criança era costume manter uma lamparina de azeite acesa no quarto dela e da mãe durante as primeiras semanas de vida. «A luz do azeite é a ordem da vida». E aquelas “caixas de cerejeira” de devoção à «Sagrada Família», que todas as noites viajavam de casa em casa, em perpétuas voltas pelas aldeias? (Era no melhor azeite que os pavios de linho, a boiarem naquelas pecinhas triangulares de cortiça, iluminavam as virtudes que as famílias contemplavam através do vidro dessas caixinhas sagradas). Ou, então, que dizer dos candeeiros de latão que se usavam para alumiar os fiéis defuntos quando velados na tristeza da sala mais nobre da casa? Essa luz da saudade vinha das candeias de azeite com vários bicos, as candeias dos velórios, sempre na presença de um apagador e de uma pinça para puxar as torcidas feitas de um pequeno farrapo de pano; tantas vezes penduradas num simples prego de parede, a ladear a dor.

Ainda hoje há quem acredite no poder reluzente de três gotas de azeite vertidas da «lamparina do Santíssimo» sobre as brasas vivas de um fogareiro, para aferir da fidelidade de um marido *mais viajado*; e estes, para impedirem o sucesso da *malvada* prova, terão que ter o cuidado de misturarem todas as noites três gotas de manteiga derretida, ou de banha de porco, no azeite milagroso da lamparina.

Acreditava-se, também, que o «Tríptico da Natividade» – peça de referência da ourivesaria portuguesa dos finais do séc. XIV/início do séc. XV (ou será um despojo de guerra pertencente a D. João I de Castela?) – tinha sido oferecido, em cumprimento de um voto a Nossa Senhora de Oliveira pelo Mestre de Avis, pela grande vitória obtida na batalha de Aljubarrota. Porque não manter esse mito! A partir desta data, a fama e o nome de N^a Sra. da Oliveira, Santa Maria dos Olivais e, logo a seguir, Santo António dos Olivais, espalhou-se a todo o território de domínio português, mesmo em locais onde a oliveira não existia ou não teria a possibilidade de vegetar azeites; às vezes, substituindo-se mesmo ao prestígio já alcançado pela padroeira das Ilhas Canárias – Nossa Senhora da Candelária (1400/1401), elevada a Santa protectora das luzes e das candeias e, posteriormente, também das oliveiras. Será o caso da lenda da Igreja de N^a Sra. da Oliveira de Sobral da Abelheira/Mafra que celebra o seu dia a dois de Fevereiro, na realidade o dia consagrado à Virgem da Candelária. E, enquanto que os transmontanos optaram por esta *candelária protecção divina*, talvez pelo pouco peso que a olivicultura detinha na região (Canelas/Peso da Régua e Duas Igrejas/Miranda do Douro...), nas regiões de maior dinamismo oleícola, (a exemplo de Salvador/Penamacor, Samora Correia/Benavente, Matações/Torres Vedras, Canha/Montijo, Tramagal/Abrantes, Tentúgal/Montemor-o-Velho, Moscavide/Loures, Tomar, Alter do Chão, Coimbra...), privilegiou-se o mito de N^a Sra. da Oliveira, dos Olivais, Santa Maria dos Olivais ou de Santo António dos Olivais. Perante o acumular desta carga mítica e sacramental, não foi de surpreender que viessem a ser as nossas principais ordens religiosas (Ordem dos Freires de Cristo, Convento de Santa Cruz de Coimbra, Mosteiro de Alcobaça e Ordem de Cister, Ordem do Templo, Ordem dos Cavaleiros de N.S. Jesus Cristo...) a liderarem o processo de expansão da olivicultura portuguesa, bem patente nas «matas cistercienses» («Matas d’el Rei») do Vale da Vilariça.

Sem dúvidas, até meados do séc. XIX, em Portugal e no resto da Europa, a iluminação dos templos religiosos, doméstica, mineira, pública, nos navios, naus e caravelas que cruzaram os oceanos das descobertas e da expansão, dos faróis ou dos farolins... era,

prioritariamente, à base de azeite. Até Macau, bem longe dos domínios oleícolas mediterrânicos, nestes tempos, o serviço público de iluminação era azeitado! Talvez por isso, ainda hoje se diga, na minha e em tantas outras terras, que: *“o azeite é para todos, na candeia do pobre e na mesa do camponês, no candelabro do rico e no banquetete do burguês”*.

Sendo assim, as necessidades deste combustível teriam que ser elevadas, naturalmente muito elevadas. Senão, imagine-se os gastos azeiteiros... dos dezasseis candeeiros, espevitados quatro vezes durante a noite, do Farol do Cabo de São Vicente que tal como hoje existe, foi mandado construir por D. Maria II, entrando apenas em funcionamento em 1846, e de todos aqueles que o alvará pombalino de 1758 fez com que se construíssem (N. Sra. da Guia, Cabo da Roca, Bugio, Serra da Arrábida), assim como outros... da iluminação urbana no Chiado lisboeta (1780) (foi a primeira experiência de iluminação urbana com lamparinas de azeite, a iluminação a gás só seria instalada em 1836 e a eléctrica, em 1903), Guimarães (1844), Funchal (1846), também com lamparinas e candeeiros de azeite... dos muitos teatros do fim do séc. XVIII, já dotados com os famosos e gastadores lampiões de Aimé Argand... da iluminação das repartições públicas, obrigatoriamente procedente da luz do azeite. Imagine-se... a quantidade de lamparinas *azeiteiras* suspensas nas naves das Igrejas e as inúmeras promessas de manter acesa a lâmpada de azeite junto dos altares da devoção (moda do séc. XVIII até à banalização do actual comércio das velas de cera) ...

Quando o azeite era coisa rara, de acesso restrito pelo custo ou por alturas da guerra, em zonas mais rurais de montanha, como o Alto Barroso, as mulheres daquelas aldeias valiam-se dos méritos da *sua* natureza e apanhavam molhos de trouxos de abróteas (os aguços), nos meses de Verão para alumiar no Inverno, espetavam-nos nas paredes e aquilo até dava boa luz. Foi outra das alternativas ao consolo da luz das candeias!

O século XVIII foi, efectivamente, o «século das luzes», o momento em que se desenvolveu uma visão científica do mundo; e antes do «século do povo», o século XIX não deixou de ser o «século das indústrias das revoluções» e, também, o princípio do fim do azeite na iluminação.

Nas iluminações públicas, por exemplo, o gás começa a ser utilizado em 1807 (Londres), 1819 (Paris), 1836 (Lisboa), 1854 (Rio de Janeiro), 1855 (Porto), e na iluminação doméstica, só a partir de 1840 (na Europa) e depois da guerra civil nos EUA. Em 1879, Edson fabrica a primeira lâmpada de incandescência com filamentos de carbono. E Vila Real foi a primeira cidade do país a receber energia eléctrica de uma barragem, decorria o ano de 1894. E é curioso, nesta perspectiva da luz do azeite, que à medida que avançam estes novos e mais eficientes sistemas de iluminação, por todo o país e não só, também a oliveira vai desaparecendo dos locais, tecnicamente, menos aptos à cultura, consolidando-se ao mesmo tempo noutros espaços tipicamente de vocação oleícola – onde actualmente se mantém e desenvolve.

Então, para desafiar a saudade da luz do azeite, convido-vos a... procurar na arte da latoaria popular as tradicionais candeias e testar-lhe as razões do consolo daquele brilho de outrora... assistir à “Procissão dos Penitentes” (Paul/Covilhã), na sexta-feira da Quaresma, em que à frente vão três penitentes: *o do centro transporta um crucifixo e os laterais transportam candeias de azeite para a única iluminação permitida nessa noite de dor, representando uma prece dirigida a Deus nos tempos da Peste Negra...* planear uma visita ao Farol da Fortaleza de S. Julião da Barra cuja torre faroleira quando foi restaurada e acrescentada “em trinta palmos”, no séc. XVIII, entrou em funcionamento com uma pequena fonte luminosa de uma só chama alimentada a azeite... *É pena que o primeiro farol português, o da Senhora da Luz, edificado em 1761 a norte da barra do rio Douro, já não exista para orientar a navegação marítima com aqueles candeeiros*

de dupla corrente de ar alimentados por torcidas chatas de azeite ... A revisitar o “Museu Nacional dos Coches”, para prezar a simbólica colecção de acessórios das viaturas da época (séc. XIX) – os lampiões de azeite, de um ou dois lumes, com globos de vidro encimados por coroa real e haste de madeira, levados de correria e na mão dos lacaios de acompanhamento às viaturas da Casa Real... o “Museu Monográfico de Conímbriga”, para se entender um pouco mais a história das lucernas da época romana e visigoda e daqueles instrumentos metálicos de ponta revirada que terão servido para atizar ou extinguir as chamas... o “Museu – Centro de Estudos – da Lucerna”, em Castro Verde, que integra a maior colecção de *lucernae* romanas do país encontradas na chamada “vala das lucernas” (Santa Bárbara dos Padrões/Castro Verde) ... o “Museu Arqueológico Nacional de Madrid”, para considerar a arte das lucernas vidradas... ou o “Museu do Ferro & Região de Moncorvo” e lembrar como seria árduo percorrer aqueles túneis ferrosos só com a luz das lanternas mineiras de azeite. Desafio-vos ainda, e porque não, a reviver, no consolo da luz do azeite, os serões das partidelas da amêndoa, das cantorias dos cardenhos, das coscuvilhices taberneiras masculinas ou das sessões bordadeiras femininas; ou então, a procurar a compreensão das quatro lucernas no “Brasão de Armas do Instituto da Defesa Nacional” e de apenas duas, nas “Armas do Exército Português”!

Efectivamente, acredito piamente, mesmo que o douto das provas me falte, que a oliveira cultivada se expandiu, no seu segundo período de desenvolvimento, por aqui e por muitas outras terras, a partir dos passais das igrejas, santuários e conventos, na direcção do consolo da luz e do domínio das trevas... Porque, para o entendimento ajustado da história da expansão olivícola e da iluminação, não é de desmerecer nem de ignorar a presença constante, e desde há longos anos, desta árvore nos adros e terreiros de tantos templos religiosos, do recinto da Igreja paroquial de S. Vicente de Vinhas/Macedo de Cavaleiros (um dos mais belos exemplares barrocos do nordeste transmontano) aos socalcos escarpados do rio Bibeí, arredores do Santuário de Nuestra Señora de Las Ermitãs/O Bolo/Ourense, onde só era cultivada e acarinhada para fornecer o azeite combustível, bem melhor e mais conveniente do que o sebo (pagão) de origem animal.

Também, estou crente que a iluminação caseira, durante largos séculos, foi feita, essencialmente, com lucernas, lamparinas, lanternas, candelabros, lampiões, candis, candeias, candeiros e candeios... de azeite... de barro, ferro, bronze, cobre, vidro, cristal ou latão... ou, então, a partir de velas de sebo e cera, invenção do povo fenício, e que tanto rivalizou com a luminosidade do azeite.

A luz do azeite fez, com certeza, sonhar muitas paixões, como esta que aqui vos deixo... E, mais acrescento: mesmo que de noite, à luz do azeite ou no consolo de uma candeia, até a burra pareça donzela, quem a honra ou nasceu no tempo dela não tem medo do escuro!